

A TEORIA SOCIAL, A ESTÓRIA CALCULEI MAL E A FIGURA DA MULHER IMIGRANTE ITALIANA

SOCIAL THEORY, THE STORY I MISCALCULATED AND THE FIGURE OF THE ITALIAN IMMIGRANT WOMAN

TEORÍA SOCIAL, LA HISTORIA QUE CALCULÉ MAL Y LA FIGURA DE LA MUJER INMIGRANTE ITALIANA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-002>

Data de submissão: 01/08/2025

Data de publicação: 01/09/2025

Hélio Clemente Fernandes

Mestre e Doutorando em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

E-mail: helio.fernandes@escola.pr.gov.br

Aparecida Favoreto

Doutorado e Mestrado em Educação

Instituição: Universidade Federal do Paraná, Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

Os escritos subsequentes objetivam analisar a estória Calculei Mal e sua relação com a figura da mulher imigrante italiana tendo como embasamento a teoria social. Trata-se de uma estória que faz parte da tradição-oral pertencente a tradição oral entre imigrantes italianos que adentraram ao Brasil pela região sul. Intentamos compreender esse objeto de estudo dentro da perspectiva histórico-social onde perpassamos o debate entre educação, trabalho e a figura da mulher. Contribui neste sentido, as obras de Karl Marx, Emile Durkheim, David Harvey, entre outros. O pressuposto que embasa esse estudo é o de que não existe neutralidade nas estórias, afinal todas elas atendem a determinados interesses políticos e possuem intencionalidades sociais. As estórias fazem parte e ocupam função fundamental na educação e formação das pessoas. Sendo assim, tendo presente as categorias de totalidade e contradição buscamos refletir sobre a estória assinalada e seus desdobramentos.

Palavras-chave: Educação. Trabalho. Mulher. Tradição-oral e Teoria Social.

ABSTRACT

The following papers aim to analyze the story "I Calculated Badly" and its relationship with the figure of the Italian immigrant woman, grounded in social theory. This story is part of the oral tradition among Italian immigrants who entered Brazil through the southern region. We seek to understand this object of study from a historical-social perspective, encompassing the debate between education, work, and the figure of women. The works of Karl Marx, Emile Durkheim, David Harvey, and others contribute to this. The underlying assumption is that stories are not neutral; after all, they all serve specific political interests and have social intentions. Stories are part of and play a fundamental role in the education and development of individuals. Therefore, bearing in mind the categories of totality and contradiction, we seek to reflect on the story and its developments.

Keywords: Education. Work. Women. Oral Tradition and Social Theory.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar el cuento "Calculé Mal" y su relación con la figura de la mujer inmigrante italiana, desde una perspectiva de la teoría social. Este cuento forma parte de la tradición oral de los inmigrantes italianos que ingresaron a Brasil por la región sur. Buscamos comprender este objeto de estudio desde una perspectiva histórico-social, abarcando el debate entre la educación, el trabajo y la figura de la mujer. Las obras de Karl Marx, Emile Durkheim, David Harvey y otros contribuyen a ello. El supuesto subyacente es que los cuentos no son neutrales; al fin y al cabo, todos sirven a intereses políticos específicos y tienen intenciones sociales. Los cuentos forman parte y desempeñan un papel fundamental en la educación y el desarrollo de las personas. Por lo tanto, teniendo en cuenta las categorías de totalidad y contradicción, buscamos reflexionar sobre el cuento y sus desarrollos.

Palabras clave: Educación. Trabajo. Mujeres. Tradición Oral y Teoría Social.

1 INTRODUÇÃO

“Como não estamos sós e isolados, como vivemos em sociedade, precisamos educar e nos educar” (ORSO, 2020, p. 90).

As estórias¹ eram contadas de geração em geração. Elas eram importantes nas rodas de conversa entre amigos, frequentadores da comunidade e da Igreja. Enquanto instrumento pedagógico, cumpriam sua finalidade no processo de ensino-aprendizagem e de modo lúdico e aparentemente desinteressado. Por serem contatadas por entre pares e pessoas respeitadas na comunidade, essas estórias alcançavam credibilidade a partir de fatos que necessariamente podem ter ocorrido ou não.

Quanto a estória em questão, inicialmente, o entrevistado diz de onde vem seus antepassados: “Meu pai, Francisco Berta, tem 78 anos. Ele sabe histórias bonitas dos italianos, porque o seu avô veio da Itália” (BATTISTEL; COSTA, 2003, p. 31); na sequência diz onde moravam no Brasil: “Eles moravam ali na região dos italianos mesmo, ali em Conde d’Eu, que agora é Garibaldi” (BATTISTEL; COSTA, 2003, p.31). Feito essa introdução onde se explicita quem fala e de onde fala o entrevistado apresenta a estória.

Algures, a estória *Calculei Mal - Go fato i conti sbaliadi* - faz parte da tradição oral dos imigrantes italianos que emigraram para a região sul do Brasil. Vivida e revivida dentro da dinâmica da tradição oral, *Calculei Mal*, acabou por ser registrada no livro *Histórias, Estórias e Orações*, obra bilíngue, redigida em Língua Portuguesa e no Talian² por Arlindo Itacir Battistel e Rovílio Costa. Estes dois pesquisadores registraram diversas estórias e expressões culturais dos imigrantes italianos em seu cotidiano. Destas estórias, destacamos e procuramos analisar a que teve por título: *CALCULEI MAL*, contada pelo imigrante Jaime Berta³, cidadão do município de Medianeira-PR:

¹ Entende-se por “Estória”, nestes escritos, enquanto aquilo que se refere à situações que não se enquadram dentro do rigor da ciência, podendo ser uma criação, uma ficção. Diferente da “História”, entendida como uma ciência que estuda acontecimentos reais e científicos.

² O *Talian* é uma “variedade suprarregional intracomunitária e intercomunidades (*coiné*) do italiano como língua alóctone em contato com outras variedades do italiano com o português do Brasil, vinculada historicamente aos dialetos provenientes do norte da Itália, mas com características próprias, derivadas do contexto brasileiro que a diferem da matriz original e também de outras regiões brasileiras” (Relatório Final, 2010, p. 11). Sua origem linguística é o italiano e os dialetos falados, principalmente, na regiões do Vêneto, Trentino-Alto e Friuli-Venezia Giulia e Piemontes, Emilia-Romagna e Ligúria”. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Certidao_%20Talian.pdf > Acesso em 18 de maio de 2023.

³ Trata-se de uma estória que passou de geração em geração: “Meu pai, Francisco Berta, tem 78 anos. Ele sabe histórias bonitas dos italianos, porque o seu avô veio da Itália. Eles moravam ali na região dos italianos mesmo, ali em Conde d’Eu, que agora é Garibaldi” (BATTISTEL; COSTA, 2003, p. 31)

Meu bisavô contava a história de uma mulher, viúva, que morava junto com sua filha solteirona. Mas ambas tinham pouca vontade de trabalhar. Era aí por 1915, quando muitos italianos começavam a perder a cabeça⁴. Então a velha diz para sua filha, porque era tempo de plantar trigo. E elas não tinham vontade de trabalhar. Então a velha diz: “Ei, filha, olha, é tempo de plantar trigo, mas deixemos de plantar, porque eu estou velha, morro logo, e tu casas e o teu marido te sustentará”. Ambas concordaram, não plantaram nem um grão de trigo. Caros de Deus, o tempo passa, chega hora de cortar o trigo, a velha não estava morta e a moça ainda não tinha casado. Então, o que fazem? As duas vão pelas casas pedir alguma coisa para comer. Diziam: “Pelo amor de Deus, caridade para duas que erraram os cálculos”. (BATTISTEL; COSTA, 2003, p. 31)⁵.

Ora, se partimos da premissa de que o homem é um ser histórico, então, entende-se que toda e qualquer produção humana encontra-se intrinsecamente ligada ao modo de produção da vida material e nas relações sociais produzidas de acordo com esse modo de produção (MARX; ENGELS, 1998). Dado o momento histórico em que a estória se passa, nota-se a importância que ela teve entre os imigrantes para repassar sua cosmovisão de mundo aos seus descendentes, num tempo onde a escola praticamente inexistia para aqueles que viviam no campo e onde o mais importante era garantir a sobrevivência por meio do desbravamento da terra no intuito de torná-la produtiva.

Neste cenário de pequenas propriedades agrícolas de imigrantes italianos, organizadas em torno da capela, suspeitamos ser importante analisar filosoficamente a construção das falas, das histórias, das estórias, buscando perceber as suas intencionalidades. Afinal:

[...] a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. (BAKHTIN, 2006, p. 15)

Num mundo ruralizado era fundamental encontrar outros meios de reprodução social, seja dos costumes, seja da força de trabalho. Dentro de um universo cultural onde a educação escolar era para poucos é desnecessário expor a falta de escolarização dos pequenos agricultores, sobretudo das

⁴ No sentido de perder o juízo, não saber o que fazer da vida, ‘ficarem loucos’. Pela época, acredita-se que pode ser pelos problemas oriundos da Primeira Guerra Mundial (1914-1915).

⁵ “El me bisnono el contea la stòria de na vècia, vedova, che la stea insieme co na so fiola scapolassa. Ma tute due le gavea poca voia de laorar. L’era lì pal 1915, quando tanti taliani i scominsiava perder la testa. Lora la vècia la disse a so fiola, parché zera tempo de piantar formento. E ele de laorar no ghinavea voia. Lora la ghe dise sta vècia: “Ciò, fiola, varda, l’è ora de piantar formento, ma femo de manco, parchè mi son vècia, moro suito e ti te maridi, e el to omo el te mantegnerà”. D’acordo le due, no le ga piantà gnanca un gran de formento. Cari da Dio, el tempo passa, riva l’ora de tair el formento, e la vècia l’era mia morta e la tosa no la se gheia maridà. Lora, cossa fale? Le due, via par le case domandar qualcosa par magnar. Le disea: “Par l’amor de Dio, carità par due che ga sbalià far i conti”. (BATTISTEL; COSTA, 2003, p. 31)

mulheres; afinal na sociedade patriarcal para cumprirem bem a função de esposa e mãe não era preciso frequentar os bancos escolares⁶.

Por uma questão teórico e metodológica, num primeiro momento buscamos refletir sobre a relação entre educação, trabalho e a estória *Calculei Mal*; na sequência apresentamos a relação entre trabalho e sobrevivência; depois apresentamos a estória e sua relação com a ideologia burguesa; num quarto momento apresentamos alguns apontamentos acerca da discussão de gênero; por fim apresentamos algumas considerações finais.

2 CALCULEI MAL: EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO

Inicialmente, sobre educação, destacamos o que o que fora assinalado por Émile Durkheim:

[...] A educação variou muito de acordo com os tempos e os países. Nas pôlis gregas e latinas, a educação ensinava o indivíduo a se subordinar cegamente à coletividade, tornar-se a coisa da sociedade. Hoje ela tenta transformá-lo em uma personalidade autônoma. Em Atenas buscava-se formar intelectos finos, perspicazes, sutis, amantes de proporção e harmonia, capazes de gozar da beleza e dos prazeres da pura investigação; em Roma, desejava-se antes de tudo que as crianças se tornassem homens de ação apaixonados pela glória militar, indiferentes a tudo que envolve as letras e artes. Na Idade Média ela era acima de tudo cristã; no Renascimento, ela adquiriu um caráter mais laico e literário; hoje a ciência tende a tomar o lugar que a arte ocupava antigamente. Pode-se redarguir que o fato não corresponde ao ideal; que se a educação mudou, é porque os homens se enganaram sobre o que ela deveria ser. No entanto, se a educação romana tivesse sido marcada por um individualismo parecido com o nosso, a *pôlis* romana não teria podido se manter; a civilização latina, e consequentemente a moderna, que em parte deriva daquela, não teriam podido se constituir. As sociedades cristãs da Idade Média não teriam podido sobreviver se tivessem concedido à reflexão livre a importância que lhe damos hoje" (2011, p. 46).

Aqui, em linhas gerais é possível perceber a função social da educação ao longo da história e sua relação intrínseca com os diferentes modos de organização social. Posto isso, algumas indagações surgem: Quais os ensinamentos e aprendizados transmitidos pelo conto *Calculei Mal*? Quais os limites e possibilidades deste conto na educação da figura da mulher? A qual educação ele se refere? Qual a relação entre o conto e a relevância do trabalhar?

Se partirmos do princípio de que num universo permeado por uma matriz cultural onde o trabalho é um valor inconteste, então, ser uma pessoa suficientemente capaz de fazer a crítica e mostrar as contradições inerentes ao mundo do trabalho é, no mínimo, chamar para si os olhares discriminatórios e, por conseguinte, é ser uma *persona non grata* pelo ponto de vista dessa organização social.

⁶ Sobre a linguagem, o signo, os processos de comunicação, é benfazejo um estudo aprofundado de da obra de Mikhail Bakhtin, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, onde temos a seguinte indagação: "Sendo o signo e a enunciação de natureza social, em que medida a linguagem determina a consciência, a atividade mental; em que medida a ideologia determina a linguagem? Tais são as questões que constituem o fio condutor do livro" (p. 15).

A saber, em uma realidade de campo, longe das cidades, as famílias era numerosas e as crianças eram obrigadas a trabalharem desde cedo nas plantações, no trato dos animais domésticos. Entre os integrantes das famílias imigrantes camponesas frequentar uma educação escolar era algo distante. Nesse cenário, as estórias tinham uma papel importante na formação e motivação dos menores no ofício do trabalho do campo. Cada criança na escola era uma a menos ajudando a realizar os trabalhos da colônia, seja na roça, no trato dos animais, nos afazeres domésticos. Para as meninas havia um agravante na medida em que o seu papel social ligava-se ao casamento e geração de filhos. Por isso, saber um pouco das letras e realizar alguns cálculos era suficiente para tornar-se uma mãe de família, senhora do lar. Uma moça que passava dos 18 anos de idade já era vista “como encalhada”, aquela que “ia ficar para titia” e, com tais expressões presentes no cotidiano fazia-se uma pressão social nas meninas para prepararem-se para o casamento.

À guisa de entendimento, pactuamos com a concepção de que em tudo existe uma intencionalidade e favorece um projeto maior de sociedade. Sem ilusões, “[...] Não adianta acreditar que podemos educar nossos filhos como quisermos. Somos forçados a seguir as regras reinantes no meio social em que vivemos” (DURKHEIN, 2011, p. 78). Nesta esteira, é relevante, fazer o movimento de partir de uma realidade - a vida campesina de pequenos agricultores imigrantes italianos e suas maneiras de conduzirem o processo de educação entre pares - e com o auxílio da teoria social compreender melhor a realidade elencada e a estória supracitada. Tudo isso no tentativa de equalizar o papel da educação que se faz presente nos mais diversos modos de organização social.

Cumpre lembrar entre os colonos imigrantes italianos e sua organização em torno da capela, da igreja. Sendo assim, num mundo agrário e pastoril, a Igreja Católica, “sem dúvida, tinha um poder e prestígio espiritual tremendos” (HUBERMAN, 1973, p. 22). Faz-se recordar dos seus poderes em tempo de idade média.

Via de regra, “adverte-se que a ideia de educação é múltipla, passível de muitas distinções entre as diferentes épocas históricas, perspectivas políticas, espaços e caráteres formativos” (SOUZA, 2022, p. 16). Sendo assim, enfatizamos nosso entendimento da educação em seu sentido lato, abrangente. A educação é tudo aquilo que molda e influência na construção do caráter do homem e da mulher. Ela forma uns para o trabalho e outros para funções de mando. A educação incide no modo com que os homens e mulheres convivem em sociedade. As ações e interações são permeadas por um processo dialético e educativo. De acordo com Souza também compreendemos a educação nas suas três formas distintas: Educação formal, informal e não formal.

Sobre as terminologias “formal”, “não formal” e “informal”, Cascais e Terán (2014) aponta que os termos “formal”, “não formal” e “informal” possuem origem anglo-saxônica e surgiram na década de 60, em um contexto de crise educacional ocasionada pela Segunda Guerra Mundial no hemisfério norte. Já no contexto lusófono e dos países da América Latina, cujas questões de crise educacional possuem origens múltiplas e complexas, o termo “não formal” é utilizado em relações a instituições culturais e ONG, enquanto o termo “informal” também é aplicado à mídia (SOUZA, 2022, p. 16).

Sem esgotar tais discussões sobre os tipos de educação, busca-se, nestes escritos, explicitar as possibilidades de análise da estória *Calculei Mal* dentro de um contexto de imigrantes italianos que deixaram sua terra natal para defender a vida em terras distantes, além dos homens, crianças, moças e senhoras eram recrutadas ao mundo do trabalho. Todos tinham que trabalhar. Assim, a educação ocorria, para muitos longe da escolarização. Aos filhos dos trabalhadores da terra era importante que apenas aprendessem a ler o suficientemente necessário e fazer os cálculos básicos. E, sendo assim, passamos a analisar a importância do trabalho entre aqueles que são destituídos dos meios de produção.

3 TRABALHAR PARA SOBREVIVER

A priori, alguns apontamentos podem ser elencados a partir desta estória *Calculei Mal*, relato contado e recontado de geração em geração: 1) Há um estabelecimento de causa e efeito entre onde falta de vontade de trabalhar explica a pobreza, a miséria, a falta de alimentos para comer; 2) O acento e a valorização da categoria TRABALHO, todos devem trabalhar e as mulheres velhas estão incluídas neste imperativo; 3) Moças para fugir do trabalho precisam se casar com um homem trabalhador; 4) O destaque da cosmovisão patriarcal e misógina, onde pode-se inferir que o sustento da casa é uma obrigação do homem.

Dentro de um mundo ruralizado de imigrantes italianos que deixaram a terra natal em busca de sobrevivência, a educação era feito o tempo todo nas relações familiares e comunitárias. A cultura do trabalho sempre esteve presente no sentido de estimular a todos se tornarem pessoas trabalhadoras e produtivas. O trabalho era entendido enquanto um grande valor e dizeres do tipo: “pode casar com o fulano porque ele é um rapaz bastante trabalhador”; “cuidado com aquele que ele não trabalha nem pra comida”; “A fulana casou bem, casou com um homem bastante trabalhador”; eram frequentes.

Na atualidade, com os inúmeros desenvolvimentos tecnológicos, os aprendizados dessa estória em questão extrapolam as fronteiras das colônias italianas onde ela foi produzida. O desafio encontra-se no esforço de quem busca compreendê-la no seu sentido político-econômicos-cultural e pedagógico. Entende-se, num primeiro momento, nossa suspeita é a de que ela corrobora com um modelo hegemônico de pensar e agir em prol de uma sociedade que funciona em torno da produção,

do lucro, do capital. Por isso a importância de estórias que corroboram no sentido de fazer com que a força de trabalho seja reproduzida continuamente para além dos cercadinhos da escola. Os filhos dos trabalhadores precisam tornar-se devotos do trabalho para que as pequenas colônias cumpram sua função dentro da sociedade capitalista na produção de alimentos⁷.

Num mundo ruralizado, entende-se que estórias orais eram de extrema importância para fomentar a memória coletiva acerca da importância do trabalho enquanto um valor a ser preservado e incentivado. Longe dos grandes centros comerciais, os colonos lutaram pela sobrevivência com muita fé, e trabalho no sul do Brasil.

Todavia, a grosso modo, a lógica social vigente divide as pessoas entre donos dos meios de produção (da indústria, da fazenda) e aqueles que somente possuem a força de trabalho para vender e em troca receberem um pagamento que seja capaz de garantir sua sobrevivência. E, nesta esteira, no limite, onde sobreviver é o que importa temos o aguçamento das contradições entre capital e trabalho o ponto de: “Nesse processo, tendo atingido determinado estágio de desenvolvimento, nem o capital e nem o trabalho conseguiriam mais se reproduzir com tais, gerando-se, as condições de sua superação. (FAVORETO, 2008, p. 22)

Neste sentido, o filósofo Karl Marx, com maestria, explicitou o caráter contraditório da educação ao apresenta-la enquanto uma ferramenta que reproduz as relações sociais dentro do capitalismo. Uma educação para quem vai dominar e outra para quem vai obedecer. Marx teorizou uma educação enquanto reflexo da dicotomia social e, portanto, reforçadora da cisão social ao reproduzir a classe trabalhadora enquanto classe subserviente. Portanto, uma educação emancipadora, em Karl Marx, entra em contradição com as estruturas sociais na medida em que favorece a apropriação por parte dos trabalhadores dos mecanismos de dominação. A educação em Marx é um importante instrumento que corrobora na edificação de uma sociedade onde cada um produz conforme suas possibilidades e retira conforme suas necessidades.

Feito essas considerações, percebemos que por meio do *Calculei Mal*, algumas conclusões surgem, dentre as quais, a simplificação do entendimento porque existe fome e pessoas miseráveis no mundo. De modo eloquente, a narração conduz os ouvintes a compreenderem que os motivos da miséria e da pobreza nas comunidades liga-se a falta de calcular bem sobre o que acontecerá no amanhã.

⁷ Importa explicitar que: “De modo antagônico, a sociedade industrial, que aguçou a divisão do trabalho e retirou das mãos do trabalhador o saber produtivo, também gerou a necessidade de enviar crianças à escola. Esta necessidade não se fez pelo simples desejo de ter crianças mais cultas e instruídas, mas porque, na produção capitalista, o trabalhador precisava se tornar apto a produzir e se movimentar na sociedade” (FAVORETO, 2008, p. 34).

4 CALCULEI MAL E A IDEOLOGIA BURGUESA

Enquanto possibilidade de leitura, suspeitamos que estórias contadas de modo naturalizado sob o manto da neutralidade, em última instância, encontra-se a serviço de interesses que extrapolam os limites onde foi produzida. Sendo assim, a estória em questão pode ser analisada enquanto um instrumento de persuasão ideológica. Isso porque ela possui uma intencionalidade que é a de moldar corpo, coração e mente, tendo como escopo um determinado projeto de sociedade onde a sobrevivência dos pequenos agricultores passa pela produção, pelo trabalho, que por sua vez, encontra-se dentro da lógica do sistema capitalista.

Ao nos aproximarmos da estória *Calculei Mal*, com o auxílio da teoria social, sabemos que estamos diante de um elementos que contribui para a compreensão da cosmovisão dos imigrantes italianos que vieram para América com a finalidade de construir riqueza e acreditavam que o trabalho era o caminho certo para isto. Vale destacar ainda, que existe um processo educacional consciente e inconsciente que ocorre o tempo todo. Por meio destas estórias a educação era uma intenção. Neste sentido, Durkheim afirma que: “das palavras que dizemos e dos atos que executamos, fabricamos a alma dos nossos filhos de modo constante” (DURKHEIM, 2011, p. 75). A partir disso, entendemos que a educação ocorre o tempo todo, nos momentos de trabalho, de lazer, na igreja, nos clubes, nas conversas entre compadres enquanto participam dos eventos da comunidade.

Sendo assim, dentro da lógica de produção do capital e os problemas decorrentes é que a estória *Calculei Mal* é contada e recontada. O ambiente cultural onde se desenvolve a estória é o mundo agrícola. O trabalho era na terra, cultivando-se os grãos e no cuidado de animais domésticos para ter uma boa alimentação. Era um mundo bem diferente do que pessoas nascidas nas cidades dos tempos modernos⁸ estão acostumadas a ver. Entretanto, é importante enfatizar que a estória encontra-se inserida numa totalidade bem maior onde a sociedade agrícola é chamada a corroborar com a lógica de um sistema em que tudo gira em torno do capital. Ao seu modo, a educação informal apresentada por meio do *Calculei Mal*, facilita a formação de indivíduos para o trabalho. Parafraseando Émile Durkheim, o próprio simplismo dessa estória pode lhe permitir “atingir as mentes com mais intensidade e estimulá-las a agir” (2011, p. 94). Portanto, *a priori*, pode-se inferir que, no limite, a estória analisada colabora para com a manutenção da sociedade capitalista e sua lógica de reprodução.

Sobre o modo de produção capitalista é importante destacar os apontamentos realizados por David Harvey em sua obra *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*:

⁸ Anteriores à era moderna, ao modo de produção capitalista, as sociedades anteriores “ao identificar o trabalho com a escravidão, tinham em mente precisamente esses criados servis, esses caseiros, *oiketai* ou familiares, cujo trabalho era exigido pela mera subsistência e que eram necessários para o consumo isento de esforço, e não para a produção” (ARENDT, 2007, p. 97-98).

[...] a corrida pela acumulação perpétua coloca enormes pressões sobre a oferta de recursos naturais, enquanto o inevitável aumento da quantidade de resíduos testa a capacidade dos sistemas ecológicos de absorvê-los sem transformá-los em tóxicos. Aqui, também, é provável que o capitalismo encontre limites e barreiras que se tornarão cada vez mais difíceis de contornar (HARVEY, 2011, p. 65).

Nota-se, por conseguinte, que o trabalho na agricultura não vincula a preservação do solo. Esse é um limite dentro de uma sociedade onde tudo gira em torno do capital. O trabalho no campo não foge dessa regra.

Assim, sem leituras dos teóricos sociais, sem acesso ao saber acadêmico o que educava era o *senso comum* cristalizado por meio de estórias construídas num mundo agrícola, por pessoas que provavelmente desconhecem, por exemplo, a obra *O Capital*⁹, onde Karl Marx analisou as relações de produção (a *mais-valia*, o trabalho alienado etc) e suas influências no processo educacional e organização social.

A lógica do capital se faz presente tanto na cidade quanto no campo¹⁰. O espaço urbano e o campesino são as duas faces da mesma moeda. Ambos encontram-se inseridos dentro dos ditames do modo de produção capitalista. E, pode-se dizer que, nas relações capitalistas de produção, o camponês é incorporado e subordinado aos interesses e necessidades da cidade e suas leis de mercado. Nesse paradigma o campo existe e dá suporte para a vida na cidade, pois nada pode ficar improdutivo dentro das regras do capitalismo. Decorrente disso, percebe-se no desenvolvimento das relações sociais (urbanas ou rurais) a existência daqueles que buscam perpetuar o seu domínio e, no contraponto, aqueles que almejam libertar-se da subordinação¹¹. Logo, as lutas sociais ocorridas nos campos, nas fábricas, nos espaços de construção, nas lojas “definem um ponto de bloqueio potencial para a acumulação do capital que está perpetuamente presente e que precisa ser perpetuamente contornado para o capitalismo sobreviver”. (HARVEY, 2011, p. 90)

⁹ Embora o cerne da obra *O Capital* não seja a educação, ela é importante: “O capital dá esse suplemento de educação teórica na forma de explicação e demonstração objetivas, o que os ajuda a passar do instinto de classe proletário a uma posição (objetiva) de classe proletária” (Marx, s/d, p. 84).

¹⁰ “[...] desde os tempos antigos, a mera habilidade de usar o fogo ou deixar livres carneiros e cabras no campo, para não falar da vasta gama de efeitos mais contemporâneos de magia química sobre a toxicidade dos ecossistemas, podem resultar em formas extensivas de modificação ambiental, de tal forma que nada do que hoje chamados de natureza é desprovida de influência humana”. (HARVEY, 2011, p. 67-68).

¹¹ Na polis grega, durante o costume político que precedeu a formação da cidade-estado observou-se que “os inimigos vencidos (*dmoes* ou *douloi*), que eram levados para a casa do vencedor juntamente com outros despojos de guerra e lá, como moradores da casa (*oiketai* ou familiares), trabalhavam como escravos para prover o próprio sustento e o dos seus senhores” (ARENDT, 2007, p. 91).

5 O AVANÇO NA DISCUSSÃO DE GÊNERO

Dentro das pequenas propriedades agrícolas do sul do Brasil alguns questionamentos são salutares: Qual era o papel social da mulher imigrante dentro da família e da comunidade? Como viveram essas mulheres, como vivem no presente e o que as aguarda no futuro¹²? De maneira inequívoca, essas questões pontuais se entrelaçam com universos maiores onde as mulheres galgam espaços sociais na busca pela realização em sua integralidade. De fato, é inegável que na atualidade, dentro de um processo histórico-social, inúmeras mulheres que conquistaram espaços outrora reservados apenas aos homens.

Não obstante, num tempo onde a luta pela sobrevivência era difícil em seu país, as mulheres italianas deixaram o seu país e tornaram-se imigrantes num lugar inóspito. Com galhardia empenharam na luta pela vida, pela sobrevivência própria e daqueles que ela amava. Trabalharam arduamente para poderem viver com dignidade. As mulheres sempre foram fundamentais nessa luta pela terra, pela renda, por uma casa (um lar para cuidarem de sua prole), pelo trabalho imprescindível na produção de alimentos.

Quanto aos aspectos de sobrevivência e divisão das tarefas nas relações de produção, importa destacar o que afirmou a filósofa Hannah Arendt em sua obra *A condição Humana*:

O fato de que a manutenção individual fosse a tarefa do homem e a sobrevivência da espécie fosse a tarefa da mulher era tido como óbvio; e ambas estas funções naturais, o labor do homem no suprimento de alimentos e o labor da mulher no parto, eram sujeitas à mesma premência da vida. Portanto, a comunidade natural do lar decorria da necessidade: era a necessidade que reinava sobre todas as atividades exercidas no lar (ARENDT, 2007, p. 40).

Entretanto, com o desenvolvimento das forças produtivas observamos transformações nas relações sociais onde a mulher conquistou o direito de ocupar espaços onde historicamente estavam reservados apenas aos homens. As mulheres do interior além de serem responsáveis pelos afazeres domésticos trabalhavam na lavoura ao lado do marido e dos filhos.

E, se considerarmos o incentivo da estória para que moças e senhoras trabalhem sem ficarem na dependência de um homem, então, temos um avanço diante da sociedade patriarcal¹³. Em outras

¹² Futuro onde as pessoas - conforme Guy Debord - preferem o espetáculo (a imagem/representação) é mais importante que a realidade (realismo concreto); a aparência é preferida em função ao ser; a ilusão vale mais que a realidade; a imobilidade é escolhida diante da atividade de pensar e reagir com dinamismo. Onde temos o homem levado à passividade. A tese do autor supracitado é apresentada logo no início de sua obra: O autor afirma que “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (1997, p. 13).

¹³ Sobre o Patriarcalismo é relevante os estudos de Gerda Lerner: *A Criação do Patriarcado. História da Opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo:SP, Cultrix, 2019.

palavras percebe-se a importância da mulher calcular bem, trabalhar para garantir o próprio sustento sem depender do homem, do varão e sua benevolência.

Por sua vez, garantir à mulher imigrante italiana um conhecimento libertador-emancipador é propiciar a elas um modo de entender sistematizado porque são vítimas de tantas violências¹⁴ sociais, de gênero e simbólicas. Dentro deste ponto de vista, as formas estruturantes em nossa história que segregam e delimitam a mulher num campo subalterno, carecem de superação. E a estória *Calculei Mal* aponta para essa questão.

O sexismo e o patriarcalismo estão alinhados aos padrões estruturais do capitalismo e com esse paradigma se naturaliza a negação do direito da mulher estudar e, por conseguinte, de viver uma vida emancipada, livre e digna. Padece diante disso o coletivo familiar, a comunidade em sua totalidade. As mulheres precisam saber da sua história. A historiografia têm uma dívida com a história de resistência das mulheres. O passado vive no presente. Que a mulher em sua luta coletiva possa se fazer ouvir no teatro, no cinema, nas festas, na música, na historiografia, na iconográfica, nas belas artes, enquanto protagonistas de uma sociedade onde todos possam contribuir conforme suas possibilidades e retirar conforme suas necessidades. Nossa tese é a de que isso somente será possível com a transmutação dos valores e das estruturas sociais, onde a vida volte a ocupar o primeiro plano em detrimento do capital.

Certamente, o senso comum imerso na luta pela sobrevivência, sem a crítica histórico-social, se encontra envolvido por essas estórias e, consciente/inconscientemente, reproduzem com naturalidade em seus diálogos no dia a dia: nas rodas de chimarrão, ao redor da mesa, na lida da roça, antes das orações na capela, no jogo de cartas, depois da reza do novena.

Acrescenta-se, ainda, conforme Helelith I. B. Saffioti, que o pano de fundo onde se desenvolve todas essas relações é permeado “patriarcado, que, como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (2015, p. 47). Lembrando que a questão de gênero muito mais que uma categoria de análise é uma categoria histórica¹⁵.

¹⁴ No que tange a categoria violência, aponta Hannah Arendt: “[...] Uma vez que todos os seres humanos são sujeitos à necessidade, têm o direito de empregar a violência contra os outros; a violência é o ato pré-político de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo” (2007, p. 40).

¹⁵ Sobre isso, recomendamos a leitura do texto Gênero: Uma categoria útil de análise Histórica, escrito por Joan Scott: “[...] Além disso, o termo ‘gênero’ também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior” (1995, p. 75).

Nesse viés, a família, a igreja, o partido, o sindicato¹⁶, o trabalho, a comunicação dentro de uma perspectiva histórico-social constroem o ser social. Logo, a educação vai muito além da educação formal e, “qualquer que seja sua modalidade, não podemos pensar a educação de forma abstrata, uma vez que ela é produto das relações sociais” (ORSO, 2011, p. 8). De modo lato, abrangente, toda experiência social produz aprendizados, seja para formar ou deformar, humanizar ou desumanizar. A produção da vida dentro de comunidades agrícolas são radicalmente formadoras.

Sabemos que cada sujeito olha o mundo da janela onde se encontra. Por isso, estamos de acordo que são inúmeras formas de realizar as análises e abordagens da história, das estórias, da realidade. Ao seu modo, o pedagogo, o teólogo, o antropólogo, o historiador, o etnólogo, o psicólogo possuem um método próprio para produzirem conhecimento de acordo com suas especificidades¹⁷. Assim sendo, as ciências elencadas apresentam abordagens diferentes para a mesma realidade. A partir dessas afirmações, é possível compreender a estória *Calculei Mal* na sua relação com o tecido social da época, utilizando-se dos pressupostos teóricos do materialismo-histórico-dialético.

De modo algum desconsidera-se o fato de que eram tempos em que a luta pela sobrevivência era difícil. Também estamos de acorde de que a contagem de causos e estórias iguais a essa que destacamos, favorecia a unidade entre os colonos em torno da comunidade, da capela. Sabiamente: “Quanto melhor conhecermos a sociedade, melhor perceberemos tudo o que se passa no microcosmo social que a escola é” (DURKHEIM, 2011, p. 117). A escola liga-se a organização social mais abrangente.

Nossa abordagem diz respeito ao colono, imigrante italiano, possuidor de lotes de terra entre 10 a 20 alqueires. Essa condição é importante para definirmos esse colono enquanto pequenos agricultores e a importância que davam para uma vida em comunidade, ao redor da capelas pertencentes a Igreja Católica. Eram tempos diferentes em que pessoas ligadas pela necessidade ajudavam-se mutuamente afim de garantirem a reprodução de sua vida e de seus familiares. Sem essas parcerias e ajuda mútua, muitos não conseguiram sobreviver. O viver gregário, próximo da família e em torno da associação eclesial e comunitária, explicitava-se enquanto uma necessidade inerente aos colonos imigrantes italianos. Seja para defenderem-se de ameaças externas, seja para oferecer e receber afeto, seja para trocar ideias utilizando-se de estórias como essa. Entretanto, com os recursos que temos na atualidade é preciso avançar no debate e introduzir estórias iguais a essa ao pensamento

¹⁶ Para Hannah Arendt: “[...] Os sindicatos, que defendem e lutam pelos interesses da classe operária, são responsáveis pela posterior incorporação desta última na sociedade e, sobretudo, pela extraordinária melhora da segurança econômica, do prestígio social e do poder político da classe (2007, p. 228).

¹⁷ A sociedade para manter-se necessita da diversidade de trabalhadores. Nas palavras de Émile Durkheim é por isso que a sociedade “prepara com as suas próprias mãos, através da educação, os trabalhadores especializados dos quais precisa” (2011, p. 102).

crítico. Exemplo disso, diante da inexistência da geladeira, do freezer, carneavam juntos o boi, o porco e repartiam entre si.

Entretanto, na condição de pesquisadores e estudiosos, não podemos nos eximir de analisar, com o recurso da história e da teoria social, essa cosmovisão materializada neste estilo de vida que, dentre outras coisas aponta para uma precária educação oferecida aos trabalhadores do campo e, sobretudo para as mulheres. Relegadas e inseridas num mundo rural, permeado pela cosmovisão patriarcal, de modo especial, as mulheres vem seu direito à educação-emancipada sendo negligenciada.

Obviamente, esse modo de pensar e viver, mais do que uma escolha encontrava-se imerso ao universo cultural daqueles que ganhavam a vida cultivando a terra para plantar e, por conseguinte, ter o que colher para sobreviver. Por isso, analisar essa estória é salutar uma vez que ela reforça o pensamento pedagógico em favor do poder-dominação-subalternização onde, no limite, campesinos e campesinas que não trabalham são inferiorizados. Para além da questão de gênero a discriminação recai sobre a vagabundagem, aos que não são produtivos, aos que fogem do trabalho. Sendo assim, suspeitamos que a utilização da crítica-histórico-social, pode nos conduzir a ver a realidade para além das aparências, teremos reflexões que possibilitem a superação de inúmeras estórias e explicações hegemônicas prevalecentes e oferecidas do “alto das torres de marfim” aos humildes campesinos (homens e mulheres) com a finalidade de reforço ao estilo de vida morigerado¹⁸.

6 A ESTÓRIA DENTRO DOS LIMITES DA SOCIEDADE BURGUESA

Grosso modo, a estória em questão, passada de geração em geração, aparentemente sem intenção alguma, acabam por cumprir sua função social de enquadramento da produção agrícola para o fortalecimento da lógica capitalista. Constatase, deste modo, que na falta de jornais, revistas especializadas, televisões, rádios, teatros e escola; cada comunidade, tribo, grupo social, as comunidades sempre encontraram os meios para educar os seus integrantes para viverem nela mesma.

A educação formal é apenas uma faceta da educação em sua completude informal e não formal. Assinala Karl Marx:

¹⁸ Morigerado no sentido de uma pessoa bem educada, trabalhadora, preservadora dos bons costumes. Trata-se de uma pessoa regrada, de vida exemplar. Sua etimologia procede do “latim mōrīgerātus, -a, -um, participípio passado de mōrīgeror, -ari, condescender, ser complacente”; conforme o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/morigerado>> Acesso em 18.02.2024.

Não basta que as condições de trabalho apareçam num polo como capital e no outro como pessoas que não têm nada para vender, a não ser sua força de trabalho. Tampouco basta obriga-las a se venderem voluntariamente. No evolver da produção capitalista desenvolve-se uma classe de trabalhadores que, por educação, tradição e hábito, reconhece as exigências de modo de produção como leis naturais e evidentes por si mesmas (p. 983).

Acerca da relevância da educação, assinalamos que István Mészáros ao tentar mostrar os motivos causadores da ascensão de regimes totalitaristas (nazismos, fascismos) se reportou ao fato da necessidade de formação indivíduos ideais com atitudes pouco ou quase nada questionadoras “educados nos tipos de família estabelecidos para a autoridade do capital” (2011, p. 270). Ora, num ambiente agrário, de colônia, percebemos que a realidade onde foi produzida a estória *Calculei Mal*, se insere na lógica da produção capitalista da qual a cultura patriarcal é subserviente.

Portanto, a ideologia dominante ao longo da história sempre se ligou a classe dominante. Um campo produtivo era necessário para sustentar o comércio e a indústria na cidade. Os sitiantes produziam na maioria para terem o que comer e o restante vendiam para conseguir dinheiro e comprar o pouco que as colônias de subsistência não produziam. Destarte, acentua-se que a imigração italiana encontra-se dentro dos marcos do modo de produção capitalista.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação em questão possui uma utilidade magistral na medida em que adequa pessoas para o trabalho. Por meio da análise de *Calculei Mal* e da *Teoria Social* compreendemos que uma estória contada e de fácil assimilação por qualquer indivíduo consegue ser precisa na sua intencionalidade: valorizar o trabalho enquanto única condição de vida digna, sem depender da esmola de ninguém.

Então, nesse caso ela adequa as pessoas que possuem preguiça e pouca vontade de trabalhar a realizarem trabalhos mesmos contra a própria vontade. Isso ocorre em favor de uma lógica de produção ligada a interesses que extrapolam a cosmovisão da colônia.

Em suma, o maior beneficiado de todos os arranjos é o sistema capitalista. Violentamente, paulatinamente ele exige que todos sejam produtivos. Se na cidade a vulnerabilidade econômica das mulheres se expressa na dependência do contracheque, da referência, da disposição do empregador, supervisor-chefe, no campo ela precisa se sujeitar ao trabalho na produção de grãos para defender a vida.

Nota-se deste modo a ligação íntima que existe entre o campo e a cidade. Tanto um como outro estão sob as leis da sociedade do capital onde todos precisam ser trabalhadores, produtivos. Disso decorre que pessoas folgadas, vagabundas, ficam a margem da sociedade quando não se adaptam ao

mundo da produção. Para tais sujeitos (homens e mulheres) o que resta é o desprezo, a fome, a marginalização.

Estórias com esse teor são excelentes para disciplinar e normatizar a classe trabalhadora em função do capital. Tais estórias e sua violência simbólica, corroboram cotidianamente com a engrenagem do sistema que depende da produção para perpetuar-se.

Por fim, entendemos que o direito à educação, ao fazer cálculos, relaciona-se ao direito e a qualidade de vida. A razão dos estudos é contribuir para uma vida melhor. Portanto, educação e vida estão intrinsecamente unidos. E nesse sentido, podemos ver um avanço na questão de gênero na medida que a estória funciona como uma chamada para as mulheres no sentido de que elas também precisam estudar, fazer cálculos, realizar bons negócios, trabalharem e, deste modo, poderem manter-se a si mesmas, sem a necessidade de viverem a mercê do homem e, por conseguinte, libertando-se do paradigma patriarcal.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Posfácio de Celso Lafer, 10ª edição. Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária, 2007. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1130009/mod_resource/content/1/A%20condi%C3%A7%C3%A3o%20humana-%20Hannah%20Arendt.pdf> Acesso em 15/07/2023.
- ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio De Janeiro: Graal, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. HUCITEC, 2006.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- COSTA, Rovílio; BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Stòrie, Fròtole e Preguiere; Histórias, Estórias e Orações*. Porto Alegre – RS: EST Edições, 2003. (Esta obra integra o projeto Acervo das Etnias Frei Rovílio Costa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul).
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEWEY John. *Como pensamos*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979.
- DURKHEIM, Emile. *Educação e Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FAVORETO, Aparecida. *Marxismo e educação no Brasil (1922-1935): o discurso do PCB e de seus intelectuais*. UFPR, 2008. (tese de doutoramento). Disponível em: <http://www.ppgc.ufpr.br/teses>
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação em desenvolvimento em projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões de nossa época; v. 1)
- GORZ, André. *O Imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, David. *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo/SP: Boitempo, 2011.
- HUBERMAN, Leo. *A História da Riqueza do Homem*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- KLEIN, FAVORETO e FIGUEIREDO. Processo de transformação e Conservação social: uma reflexão a partir da Fábula dos Porcos Assados. **Revista Teoria e Prática**: UEM, 2014. Disponível: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/25464>

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado. História da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: SP, Cultrix, 2019.

MAFESOLI, Michel. *O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.

MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. Prefácio à edição brasileira Michael Löwy. São Paulo: BOITEMPO Editorial, 2012.

_____. *O Capital*. Livro I. São Paulo: BOITEMPO Editorial, s/d. Disponível em: <<https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/o-capital-livro-1.pdf>> Acesso em 12.02.2024.

MARX. Karl e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEIRELES, Cecília. *Poemas Italianos*. São Paulo-SP: Editora Global, 2017.

MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital: Rumo a uma Teoria da Transição*. Tradução Paulo Cesar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011. (Mundo do Trabalho).

ORSO, Paulino José. *Apresentação*. In: Educação, Estado e Contradições Sociais. Organizadores: Paulino José Orso, Sebastião Rodrigues Gonçalves, Valci Maria Mattos. 1ª edição, São Paulo/SP: Outras Expressões, 2011.

_____. *Um espectro Ronda a Educação e a Escola Pública*. Organizador: Paulino José Orso. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. 1ª edição eletrônica. Disponível em: <<https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/um-espectro-ronda-a-educacao-e-a-escola-publica.pdf>> Acesso em 20.07.2023.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica*. In: **Revista Educação e Realidade**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); v. 20, n. 2; julh/dez de 1995. Disponível em: <<file:///D:/DADOS%20DO%20USUARIOS/Downloads/71721-Texto%20do%20artigo-297572-1-10-20170307.pdf>> Acesso em 20 de maio de 2023.

SOUZA, Jacqueline Ellen de. *Uma análise histórica da concepção de educação de Constantin Stanislavski: um diálogo entre o teatro e a pedagogia*. Dissertação/Mestrado em Educação – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/6596/5/Jacqueline_Souza.2022.pdf> Acesso em 11.02.2024.